

ÁFRICA À MARGEM DO «FIM DA HISTÓRIA»?

Teresa de Almeida Cravo

ROBERT GUEST

África, Continente Acorrentado – O Passado, o Presente e o Futuro da África

Porto,
Livraria Civilização Editora,
2004, 295 páginas

Para quem se habituou a seguir com particular atenção a secção dos assuntos africanos do *The Economist*, o lançamento do livro de Robert Guest foi aguardado com bastante expectativa. Enquanto correspondente em África, e posteriormente editor responsável por esta área numa das mais prestigiadas revistas do mundo, o autor foi paulatinamente revelando o seu entendimento das agruras que o continente enfrenta em artigos que, só entre 2003 e 2004, lhe valeram quatro prémios¹.

Fruto dessa reconhecida experiência, a obra *África, Continente Acorrentado* faz finalmente a reconstituição de um percurso que se estende por seis anos, combinando os conhecimentos teóricos do autor em economia, adquiridos na Universidade de Oxford, com as suas vivências no continente pelo qual diz ter-se apaixonado. Convidando-nos a acompanhá-lo num périplo por vários dos cerca de trinta países subsarianos que percorreu ao serviço da revista, Guest abre-nos as portas a um mundo testemunhal, relatando em primeira mão os infinitos e dolorosos obstáculos que permeiam a vida quotidiana de

milhões de africanos e fazem deste continente o mais pobre do mundo.

Embora não o reconheça expressamente em momento algum, o autor partilha da visão hegeliana da história enquanto processo evolutivo das sociedades humanas no sentido do progresso. É daqui que parte a sua constatação de que, por entre a prosperidade alcançada pelos países desenvolvidos desde a Revolução Industrial e a melhoria das condições de vida nos países em desenvolvimento de há trinta anos para cá, existe uma excepção: África. Enquanto o resto do mundo prosperou, o continente africano não só estagnou como foi o único que empobreceu nas três últimas décadas. Por que terá África descarrilado do caminho do progresso? Eis o que o autor se propõe responder.

DIAGNÓSTICO DE UMA DOENÇA

Para Guest, no centro da crise do continente africano estão os seus governantes. Em plena década de 60, depois de iniciada a vaga de descolonização, grande parte do continente não era menos desenvolvido do que alguns países asiáticos como a Coreia do Sul. No entanto, enquanto estes pros-

peraram e sofreram um verdadeiro boom económico, muitos países africanos tornaram-se, como resultado das políticas dos seus líderes, mais pobres hoje do que eram à data da independência. A exploração colonial acabou por dar lugar a regimes de *deftocracia* autóctone, que, em vez de promoverem a prosperidade da totalidade dos seus cidadãos, desperdiçaram e usurparam durante décadas o imenso potencial deste continente.

De acordo com o autor, a era de má governação do pós-independência não é apenas um sintoma, é, no essencial, a fonte de todos os males que assolam o continente africano. Para fundamentar o seu argumento, Guest recolhe provas flagrantes da miséria que os líderes africanos têm infligido às suas populações, socorrendo-se, em jeito de crónica, dos casos mais elucidativos, ao mesmo tempo que vai polvilhando a sua obra com histórias de sucesso que servem de contraponto.

Assim, o primeiro alvo de Guest é o Zimbábue. Apresentado como a epítome do «Estado vampiro», a genial descrição da governação de Mugabe dá-nos uma visão real da vida dos cidadãos sob o jugo de um ditador, mostrando bem como a esmagadora maioria dos africanos ainda não é livre. Num momento seguinte, para exemplificar por que considera as riquezas minerais em África mais uma praga do que uma bênção, o autor recorre aos casos de Angola e da República Democrática do Congo, estabelecendo a ligação entre a sua exploração e o prolongamento do conflito. A questão da ausência de direitos de propriedade formais enquanto obstáculo grave ao desenvolvimento é abordada

enquanto nos são relatadas as tentativas infrutíferas de um agricultor do Malawi de aumentar a sua produtividade, preso a uma terra que não pode vender, usar como crédito ou explorar. Num capítulo que se lê com um nó na garganta, Guest expõe igualmente o drama da SIDA em África, explicando por que razão este continente sofre mais com esta pandemia do que o resto do mundo, sendo especialmente crítico no que toca às políticas prosseguidas pela África do Sul nesta matéria. Descartado demasiado facilmente como causa da pobreza em África, o legado colonial é recuperado na explicação dos factores que estão na origem dos conflitos étnicos do continente. Analisando o caso do Ruanda, o autor revela-se um instrumentalista, responsabilizando os líderes políticos e a sua governação etnicamente diferenciada pela polarização da sociedade e consequente escalada das tensões que leva ao genocídio. A sua interpretação é, contudo, bastante menos credível quando associa as políticas de discriminação positiva (incorrectamente traduzidas no livro por «acção afirmativa») levadas a cabo na África do Sul pós-*apartheid* às políticas tribais capazes de desencadear um conflito. Por fim, uma viagem num camião de cerveja pelo interior dos Camarões, que demora quatro dias em vez de dezoito horas e passa por quarenta e sete bloqueios de estrada com polícias especialmente ávidos de «gratificações», serve de pretexto para o desenvolvimento do tema da corrupção ao nível micro e da carência de infra-estruturas que tanto prejudica os cidadãos africanos. Nesta visita guiada pelas adversidades, é de realçar que a distribuição de culpas

atinge, em regra, um lado só – Guest tende a ignorar o papel dos estados não-africanos na perpetuação destes ciclos despóticos de poder que arruinam o continente.

RECEITA PARA A CURA

Na sequência da descrição dos abusos cometidos pelos líderes africanos, a solução apontada pelo autor só poderia passar pela implementação de reformas radicais ao nível da governação. E se a liderança tem, até agora, excluído a maioria dos países africanos da modernidade, a receita é – como seria de esperar de um jornalista do *The Economist* – a liberalização política e económica.

Guest sugere, então, uma panóplia de medidas que entende melhor servirem a causa do alívio da pobreza em África. Neste campo não há grandes surpresas: menos estado e mais mercado – é a fórmula há muito endossada pelas instituições económicas e financeiras mundiais, que o autor aqui reproduz sem questionar. Dadas as potencialidades do comércio para voltar a colocar os países africanos no caminho do desenvolvimento, Guest começa por condenar peremptoriamente o proteccionismo do Norte, cujas barreiras alfandegárias levantadas aos produtos do Sul juntamente com os subsídios concedidos aos produtores nacionais custam aos países pobres cerca de duas vezes mais o que estes recebem em ajuda por ano.

Na verdade, a ajuda externa não figura como essencial nesta estratégia de desenvolvimento. Não porque não haja provas da sua relevância, quando cuidadosamente gerida, mas porque os exemplos

são demasiado escassos. À excepção do Botswana, referido entusiasticamente no livro, a ajuda tem sido largamente permeável à corrupção e à incompetência, e é, por isso, encarada como uma «transferência de riqueza dos pobres nos países ricos para os ricos nos países pobres» (p. 184). Enquanto autoproclamado *outsider*, Guest partilha da famigerada «fadiga dos doadores» que, após terem concedido ao continente africano, desde a independência, o equivalente a seis Planos Marshall e pouco terem visto dos frutos desse investimento, passaram finalmente a associar maior generosidade à maior transparência por parte dos países receptores. O autor entra, porém, em contradição, ao afirmar opor-se à imposição de condições para a concessão de ajuda por julgá-las improficuas (p. 185), enquanto ao longo do capítulo se espraia sobre a necessidade do auxílio ter como destinatário principal os estados com gestão eficiente e dispostos a implementar reformas – uma selectividade que, no vocabulário dos doadores, tem justamente o nome de condicionalismo.

O investimento externo no continente tem necessariamente um lugar de destaque, em especial quando protagonizado pelas empresas multinacionais. O título de um dos subcapítulos, «Se há coisa pior que ser explorado, é não ser explorado» (p. 209), é particularmente revelador do carácter redentor que Guest atribui ao capitalismo global. Mostrando-se céptico quanto às causas defendidas pelas campanhas antiglobalização, sejam estas relativas à devastação do património florestal ou à exploração dos trabalhadores do Sul, o autor acusa-as de demonizarem as mul-

tinacionais e, conseqüentemente, dificultarem a atracção de investimento para o continente. Guest escuda-se na desesperada necessidade de emprego dos africanos para justificar a presença destas empresas, mesmo que isso signifique exploração, se a alternativa for, como é normalmente, o desemprego. É igualmente permissivo no que diz respeito ao comportamento das multinacionais nestes países, acreditando poder deixar nas mãos da opinião pública internacional o controlo à sua actuação, confiando que o receio de ganhar má reputação assegurará que estas empresas queiram tornar-se irrepreensíveis no que toca às suas políticas ambiental e de direitos humanos.

O autor reconhece ainda a importância da economia informal em África e aconselha a célere formalização dos direitos de propriedade como um passo vital para a integração na economia global, o que não será tarefa fácil. Vê também vantagens nos programas de ajustamento estrutural, responsabilizando os países-alvo pelos fracassos e não a concepção das políticas macroeconómicas, desvalorizando as críticas que as

consideram geradoras de desigualdade económica e instabilidade social. E é omissos quanto aos exemplos de liberalizações económicas que não abriram os mercados, criando antes capitalismo oligárquicos em nada benéficos para as largas camadas de população que permaneceram excluídas.

Imune aos riscos do seu modelo, Robert Guest está optimista quanto ao rumo futuro dos países africanos, que serão finalmente abarcados pela universalização da democracia liberal enquanto forma final de governo humano que melhor satisfaz a necessidade de progresso do homem, permitindo assim a concretização do «fim da história».

Mesmo para quem não partilha a crença na receita miraculosa apresentada e veementemente defendida pelo autor, esta obra, escrita no estilo escurto e informal que nos acostumámos a associar ao *The Economist*, tem o ritmo de um romance, misturando a análise séria com um registo espontâneo e por vezes quase anedótico, e cativará certamente todos os que se interessam por África. **RI**

NOTAS

¹ Os galardões da Queen's English Society e da Foreign Press Association em 2003 e os prémios Diageo e Frédéric Bastiat em 2004.